

RESENHA

*Felipe Sabino de Araújo Neto**

CLARK, Gordon H. **De Tales a Dewey**. Trad. Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. 480 p. Original em inglês: *Thales to Dewey: A History of Philosophy*. Unicoi, TN: The Trinity Foundation, 2007.

Gordon Haddon Clark (1902-1985) foi um influente teólogo e filósofo presbiteriano norte-americano.¹ Embora ainda pouco conhecido no Brasil, duas avaliações de sua obra deixarão claro a sua importância para a filosofia cristã como um todo. Ronald Nash (1936-2006), filósofo cristão, chamou Clark de “um dos maiores pensadores cristãos do nosso século”. Já o famoso teólogo Carl F. H. Henry (1913-2003), primeiro editor-chefe da revista *Christianity Today*, referiu-se a Clark como “um dos filósofos protestantes mais profundos do nosso tempo”.²

Após obter os graus de bacharel (1924) e de Ph.D. em filosofia (1929) pela Universidade da Pensilvânia, Clark passou a sua vida inteira ensinando filosofia e teologia em faculdades e seminários dos Estados Unidos. Ao longo de sua carreira escreveu mais de trinta e três livros sobre os mais variados assuntos, além de inúmeros artigos, primariamente nas áreas de filosofia e teologia. Um dos seus livros mais famosos e influentes é *De Tales a Dewey*, objeto desta resenha.

Este livro apareceu pela primeira vez em 1957, na época em que Clark era diretor do Departamento de Filosofia da Universidade Butler. Segundo o

* O autor é presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil; bacharel em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Mato Grosso, com especialização em Rede de Computadores e Sistemas de Comunicação. É mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e mestrando em Teologia com concentração em Filosofia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

¹ Para mais informações sobre a sua vida e filosofia, ver: CRAMPTON, W. Gary. *O escrituralismo de Gordon Clark*. Brasília: Monergismo, 2012.

² *Journal of the Evangelical Theological Society* 29/1, mar. 1986, p. 121. Minha tradução.

apresentador da quarta edição em inglês, naquela época Clark “já era reconhecido, em sua nação, como um dos mais competentes intérpretes da filosofia antiga, e sua exposição e análise da filosofia medieval e moderna eram igualmente brilhantes”. Como resultado, *De Tales a Dewey* tornou-se “texto padrão para instituições escolares cristãs e não cristãs” (p. 7). A obra possui uma apresentação da 4ª edição escrita por John Robbins, um prefácio à edição em inglês escrito pelo próprio autor e onze capítulos: 1. Os Pré-socráticos, 2. Os Sofistas, Sócrates e Platão, 3. Aristóteles, 4. A Era Helênica, 5. O Período Patrístico, 6. O Período Escolástico, 7. O Racionalismo do Século 17, 8. O Empirismo Britânico, 9. Immanuel Kant, 10. G. W. Hegel e 11. Irracionalismo Contemporâneo.

De Tales a Dewey recebe elogios mesmo daqueles que não abraçam necessariamente o pressuposicionalismo de Gordon Clark. O teólogo evidencialista R. C. Sproul, por exemplo, relaciona o livro na lista dos 16 livros que foram mais influentes na modelação do seu pensamento e ministério. O seu filho, R. C. Sproul Jr., coloca a obra entre os seus 10 livros preferidos, com as seguintes palavras:

Um livro importante sobre um tema importante (a história da filosofia) escrito por um pensador importante, que é provavelmente o maior filósofo cristão do século XX. Ler este livro talvez seja a melhor forma de obter uma compreensão do fluxo da história ocidental.

De maneira bem típica do seu estilo, o Dr. Clark começa assim o primeiro capítulo do livro: “A filosofia grega teve início em 28 de maio de 585 a.C., às 18h13” (p. 13). Porém, o seu humor não está restrito às linhas iniciais desse verdadeiro tratado filosófico. Ao longo de todo o livro ficamos impressionados não somente com seu humor inteligente, mas também com o seu profundo conhecimento da história, filosofia e teologia. Esses e outros componentes tornam a leitura extremamente prazerosa, mesmo nos trechos mais difíceis. Por falar em dificuldade, os livros de Clark não padecem daquela característica tão comum em livros filosóficos. Ele escreve com uma clareza invejável, com o intuito de ser “ouvido” e entendido não somente pelo especialista, mas pelo iniciante desejoso de aprender. Em vez de recorrer ao pedantismo do linguajar rebuscado e técnico, prefere descer ao nível do leitor e transmitir uma mensagem inteligível. Mas embora haja uma acomodação da linguagem, o mesmo não acontece com o conteúdo. Logo no prefácio Clark deixa claro: “Este livro, em vez de tentar o impossível – baixar a filosofia ao nível do estudante – se ocupa da difícil tentativa de elevar o estudante ao nível da filosofia” (p. 9).

Ainda no prefácio, Clark anuncia duas restrições que nortearam a sua escrita. Com o objetivo de não confundir os estudantes com incontáveis nomes estranhos de filósofos, o número de filósofos discutidos foi extremamente

reduzido. Além disso, a própria matéria foi reduzida. Em geral, apenas a epistemologia (teoria do conhecimento) desses autores foi exposta e analisada. Com esse procedimento, Clark evitou produzir uma enciclopédia que poucos leriam e ao mesmo tempo recusou diluir o assunto. Num único volume, há material substancioso sobre epistemologia. O cerne da matéria não foi suprimido!

A escolha da epistemologia por Clark não é surpreendente para aqueles que conhecem a sua proposta filosófica. A epistemologia de Gordon Clark é o cerne da sua filosofia. Na verdade, segundo ele, o erro de muitos filósofos está em subordinar a epistemologia à metafísica ou a qualquer outro ramo da filosofia. Em *Uma Visão Cristã dos Homens e do Mundo*, ele assevera: “A questão ‘como você sabe?’ parece simples o bastante; mas a resposta controla quase todo o sistema filosófico”.³ Ronald Nash, no *Festschrift* que editou em honra a Gordon Clark, explica assim a delimitação do tema: “O papel central da epistemologia no pensamento de Clark é claramente visto em seu estudo da história da filosofia, *De Tales a Dewey*, no qual ele se preocupa primariamente com os problemas epistemológicos”.⁴

Após esclarecer o caminho que tomará, Clark passa a analisar a filosofia grega (capítulos 1-4), a Idade Média (capítulos 5-6) e a filosofia moderna (capítulo 7-11). O resultado é a exposição do fracasso das filosofias apóstatas, que não possuem Deus e a sua revelação como ponto de referência.

Enquanto nos ensina filosofia, Clark ao mesmo tempo dá aula de história, economia, física, arte, política, biologia, matemática e quase todos os outros conhecimentos possíveis. Eventos históricos e outras ciências são usados com frequência para ilustrar o que ele pretende transmitir. Ao mesmo tempo em que ficamos sem fôlego diante de tanta informação, transmitida de maneira bela, quase poética, nos admiramos com a erudição desse servo de Deus, e ficamos gratos pelo curso intensivo em tantas áreas do conhecimento. Eis aqui um exemplo:

Foi a astronomia que captou a imaginação dos historiadores, levando-os a fazer declarações, de certa forma, exageradas sobre o papel de Copérnico (1474-1543). Tal como acontece com respeito a Cristóvão Colombo, é inadequado dizer que uma nova era começou com a “descoberta de que o mundo era redondo em vez de plano”, pois o conhecimento de que a terra era esférica já se dera ao longo da Idade Média. Também é inadequado dizer que a teoria heliocêntrica de Copérnico teria “destruído toda evidência externa da situação focal e privile-

³ CLARK, Gordon H. *Uma visão cristã dos homens e do mundo*. Brasília: Editora Monergismo, 2013, p. 269.

⁴ NASH, Ronald. Gordon Clark’s Theory of Knowledge, In: *Works of Gordon Haddon Clark, Volume 7: Clark and His Critics*. Unicoi, TN: The Trinity Foundation, 2009, p. 105. Minha tradução. Esse volume inclui os livros anteriormente publicados em separado: *The Philosophy of Gordon Clark: A Festschrift* (ed. Ronald H. Nash) e *Clark Speaks from the Grave*.

giada do homem, no universo”. Os historiadores deverão notar que a posição focal e privilegiada no universo, que o cristianismo atribuiu ao homem, não é motivada nem dependente da astronomia geocêntrica. A posição é espiritual, não espacial. Está relacionada ao plano de Deus para a salvação de pecadores por meio da morte e ressurreição de Cristo. O movimento planetário é, no máximo, um cenário para o drama de Deus. O contrário também é verdadeiro: se a proximidade do centro confere estado privilegiado ao homem, terá de conferi-lo com maior honra ao peixe do oceano profundo, e com maior honra ainda ao minério ou metal que forma o centro do planeta. Em todo caso, a teoria geocêntrica não coloca a terra no centro do sistema; e embora os antigos filósofos gregos, tomando Plotino como bom exemplo, tenham aceitado a teoria ptolomaica, ela jamais lhes sugeriu uma visão cristã do homem. Não, a importância de Copérnico reside na astronomia, e, mesmo aí, ele tem sido considerado, algumas vezes, de forma demasiadamente otimista (p. 256).

Crete na inerrância e infalibilidade das Escrituras, Clark não receia julgar os grandes problemas da filosofia diante do tribunal da revelação especial. Com isso, temos um livro deliciosa e decididamente cristão. Quando necessário, Clark fala sobre soberania divina, graça, predestinação, justificação pela fé e tantos outros temas tão caros a nós, cristãos. Clark não cai na tolice de supostamente amar a sabedoria (significado do termo filosofia) negando aquele que é a própria Sabedoria (Cristo, 1Co 1.24), em quem estão ocultos “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3). Não existe neutralidade, nem mesmo no estudo da filosofia.

A edição em português padece de algo que considero um real problema em diversos livros: as notas de rodapé. Essas notas são escritas para (presumivelmente) serem lidas e eu leio todas elas. Por causa disso, creio que não seja o único a preferir notas de rodapé em detrimento a notas de fim, a menos que o capítulo seja muito curto. As notas deveriam estar ao final de cada página, e não amontoados nas últimas páginas de um livro.

Além disso, dada a relativa anonimidade do autor, muitos sentirão falta de um prefácio de apresentação ao público brasileiro, ou ao menos uma breve biografia ao final do livro. Essas melhorias poderiam ser incorporadas numa segunda edição, quem sabe em capa dura, para alegria dos bibliófilos.

Finalmente o público cristão brasileiro está tendo acesso a autores outrora “estranhos”. Nos últimos anos apareceram Cornelius Van Til, Ronald Nash, Herman Dooyeweerd, Gordon Clark e tantos outros. A Editora Cultura Cristã está de parabéns pela publicação dessa obra magistral. Recomendo sem reservas e efusivamente a leitura, releitura e estudo deste livro. Será um ótimo começo, especialmente para aqueles que não estão familiarizados com a obra de Gordon Clark. Que o Senhor Deus seja servido de usá-la para abençoar o seu povo e disseminar a sua verdade.